

| | | | | | | |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|
| Caderno de resumos da JOPELIT | Catalão | UFG | v. 1 n. 1 | p. 07-12 | 2013 | ISSN 2318-9789 |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|

O ESPAÇO LITERÁRIO NA OBRA *PÃO COZIDO DEBAIXO DE BRASA*

Carla Reis de Oliveira¹
Oziris Borges Filho²

Resumo

O presente trabalho tem como tema *O espaço literário na obra Pão cozido debaixo de brasa* e pretende evidenciá-los neste romance do contemporâneo escritor Miguel Jorge. *Pão cozido debaixo de brasa* é constituído por dois núcleos espaciais que se entrelaçam no decorrer da narrativa. O narrador de Miguel Jorge apresenta interessantes protagonistas sempre com o anseio de transpor-se para um lugar melhor. Esse trabalho pretende explicar como se constitui a representação espacial e suas funções no romance em foco, partindo dos pressupostos teóricos de Borges Filho (2007), Frank (1991), Lins (1976). o. Por meio desse estudo é possível perceber que *Pão cozido debaixo de Brasa* é composto a partir de oposições espaciais.

Palavras-chave: Espaço, dialética, personagem

Introdução

... nesse texto ideal as redes são múltiplas e se entrelaçam sem que nenhuma possa dominar as outras ... Roland Barthes

O romance *Pão cozido debaixo de brasa* do escritor goiano Miguel Jorge surge no ano de 1997. Quão interessante é sob o ponto de vista literário que nesse mesmo ano é ganhador do Premio Machado de Assis 1997 de Literatura da Biblioteca Nacional. É uma obra que por meio da criatividade do narrador, temos não um, mas dois enredos.

Para esse trabalho, partimos dos princípios teóricos da Topoanálise, ou seja, o estudo do espaço na obra literária. “Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte da interpretação do espaço na obra literária. [...] abrange também todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou

¹ Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás – UnU de Pires do Rio Mestranda no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem (PMEL) pela Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão.

² Doutor em Estudos literários. Professor do Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG/Câmpus de Catalão. Bolsista PET.

| | | | | | | |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|
| Caderno de resumos da JOPELIT | Catalão | UFG | v. 1 n. 1 | p. 07-12 | 2013 | ISSN 2318-9789 |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|

natural.” (BORGES FILHO, 2007, p. 33). Partindo dessa perspectiva serão analisados os espaços e sua ligação com as experiências das personagens na obra em foco.

Ao analisar o espaço nessa obra não podemos deixar de relacioná-lo com as experiências das personagens. Para Osman Lins (1976) o processo de caracterização do espaço, “atende às relações do espaço com o fluxo da narrativa, envolvendo, como foi dito, narrador e personagens.” (LINS, 1976, p. 85). Ao analisarmos o espaço atentamos também à sua relação com as vivências das personagens, já que este é organizado no texto para atender as suas vivências e experiências.

Núcleo espacial de Adam/Adão

“Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo.” Gaston Bachelard

O narrador inaugura a obra com a história de Adam/Adão. Cabe salientar que nesse núcleo espacial temos vários espaços, como a casa, a escola e o chalé, porém selecionamos como foco dessa análise a casa de Adam/Adão.

Observamos que o narrador nos apresenta a espacialidade do primeiro núcleo espacial. “O que Ziza estava fazendo, senão procurá-lo por toda a casa? (JORGE, 1997, p.21)” Nessa passagem temos a mãe de Adam, Ziza, que está procurando o garoto pela casa, e mais do que isso, conhecemos o espaço onde acontecerão as tramas em seu meio familiar.

De início percebemos que a casa é um espaço fechado, restrito. Este tipo de espaço restringe as experiências das personagens, isto é, podemos observar que as vivências das personagens limitam-se a quatro paredes. Temos outro exemplo disso no trecho a seguir.

O seu cheiro se espalhava agora pelo quarto: nas roupas, nos armários, na cama. Porsters de mulheres, de carros, de surfistas de paisagens, alguns dos

| | | | | | | |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|
| Caderno de resumos da JOPELIT | Catalão | UFG | v. 1 n. 1 | p. 07-12 | 2013 | ISSN 2318-9789 |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|

seus heróis de rock espalhavam-se pelas paredes. Ele mesmo, num retrato antigo, irrigando a terra, com seu mijo grosso. (JORGE, 1997, P. 26)

Notamos novamente o espaço fechado, restrito. Temos nessa passagem a caracterização do quarto de Adam. A decoração com posters com variados temas, mulheres, carros, surfistas, heróis de rock, etc., nos remete a um quarto típico de adolescente, e ainda um retrato dele mesmo caracterizando mais ainda que esse espaço pertença a ele. Ainda a organização, a claridade, a limpeza são características desse núcleo espacial. “Os móveis destacavam-se, agora, na organização cuidadosa de Ziza. As gravuras nas paredes, as cortinas brancas, as jarras com flores, o que era uma forma da casa permanecer calma. (JORGE, 1997, p. 29)”. Vemos que o narrador reforça com sua fala a ideia de um ambiente familiar, organizado cuidadosamente, perfumando através das flores dispostas pela casa, iluminado com a claridade da cor branca escolhida para as cortinas.

Vemos o ponto de vista do protagonista sobre o espaço em que ele vive em um dos capítulos intitulados “Esboço para um diário”.

Sabe, Viola, fosse apenas eu e Ziza, com o pão, o leite, a carne sobre a mesa. A cama. Fosse apenas, todos os dias, dormir e despertar com o corpo e o espírito arrumados, com a sensação de um novo sonho, sem pesadelos. [...] A ternura de Ziza, sua graça, cheia de ave-marias, que sustenta a mesa, o teto, as paredes. O rumo igual de todos os dias. Mas existe Yussef, as malas remexidas no quarto, as suas meias, seus sapatos (JORGE, 1997, p. 52).

Temos nessa passagem um diálogo entre Adam/Adão com o interlocutor Viola. O protagonista nesse momento demonstra seu ponto de vista, ele revela sua subjetividade e demonstra a forma com que ele encara a vida em sua casa. Nos mostra que apesar das características positivas, peculiares ao espaço em que ele vive, a claridade, a organização da casa, suas vivências nele são negativas, desconfortantes. De acordo com Borges Filho (2007) a Topoanálise denomina esse tipo de relação negativa, maléfica, disfórica como sendo a topofobia (BORGES, FILHO, 2007, p. 158). Temos nessa passagem a demonstração de que as experiências do garoto estão impregnadas de

| | | | | | | |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|
| Caderno de resumos da JOPELIT | Catalão | UFG | v. 1 n. 1 | p. 07-12 | 2013 | ISSN 2318-9789 |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|

uma carga negativa, causada pela forma com que os objetos são dispostos pela casa, a partir da presença do padrasto, Yussef. Este faz com que a organização, o bem estar que deveria ser característico da casa de Adam seja destruído, tornando-o desconfortante, maléfico.

Núcleo de Felipa

“[...] na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo” Gaston Bachelard

Ainda em *Pão cozido debaixo de brasa* temos a história de Felipa paralela às experiências de Adam/Adão. Por ser esse romance dotado de uma duplicidade espacial cumpre-nos destacar as dialéticas que encontramos em seus espaços. Para Frank (1991) para serem compreendidas simultaneamente as palavras, e, por analogia o texto, não é necessário que ocorra sempre uma sucessão temporal, desde que estejam justapostos “pois embora eles sigam um ao outro no tempo, seu significado não depende dessa relação temporal.” (FRANK, 1991, p. 29). O romance não é estruturado linearmente, pois é composto por duas narrativas diferentes justapostas que se revezam com o desenvolver de cada história. Essa característica estrutural do texto reflete também em sua espacialidade.

No núcleo espacial de Felipa o narrador recria o acidente nuclear do Césio 137 ocorrido em Goiânia no ano de 1987, transmitindo e rememorando através da literatura esta tragédia que realmente ocorreu.

Felipa, num segundo, poderia sobrevoar tudo aquilo e cair em outro terreno, endireitar o xale sobre os ombros, erguê-los com altivez, e partir dali. Caminhar pelos arredores da cidade, que a cidade vista do alto continuava bonita e nova e arborizada. Mas Felipa não subira nas nuvens, não saíra do lugar. E a cidade punha-se de pé, amedrontada, e podia-se ler, para um lado e para outro dos muros, algumas frases pixadas durante a noite: – Césio 137 – outubro – 1988. A luz que mata. (JORGE, 1997, p. 205)

| | | | | | | |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|
| Caderno de resumos da JOPELIT | Catalão | UFG | v. 1 n. 1 | p. 07-12 | 2013 | ISSN 2318-9789 |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|

Temos nessa passagem a caracterização espacial. Percebemos que o espaço é aberto, amplo, ou seja, a cidade, os terrenos. Esse espaço possibilita a mobilidade e o deslocamento característicos das personagens dessa história, como vimos no trecho anteriormente, em que a personagem caminha, desloca-se em torno da cidade. Vemos ainda que o narrador nos remete a informações do universo extratextual. O Césio 137 é citado nessa passagem como algo de conhecimento das personagens do romance, já que a informação está disseminada pelos muros da cidade e dessa forma as pessoas podem tomar ciência do fato ocorrido. Em outra passagem temos a espacialidade e também a contextualização da história de Felipa.

- Onde você está, João Bertolino?
- Na Avenida Araguaia. E você, Felipa?
- Na Avenida Tocantins.
- Eu desço a Araguaia.
- Eu subo a Tocantins.
- Eu estou sem os remos. Remo com os pés nesta grande avenida. Remo com os faróis dos olhos, sem rumo certo.
- Eu subo a Tocantins, abrindo-a com as mãos, feito uma loba. (JORGE, 1997, p. 91)

Percebemos o espaço aberto, amplo com as avenidas em que as personagens transitam. Temos o constante deslocamento nesse espaço, enquanto um sobe o outro desce as avenidas. Essa mobilidade se dá de forma dura, árdua, pois eles não caminham normalmente. Eles remam com a força do próprio corpo, como seres rastejantes que se utilizam das mãos para se locomoverem. Ainda nesse trecho o narrador contextualiza a história. Temos mais uma vez espaços pertencentes ao universo extratextual, as Avenidas Araguaia e Tocantins existem realmente na cidade de Goiânia.

Mais uma vez vemos a relação negativa entre personagem e espaço:

Da cidade mal dormida, escorriam gosmas, cochichos, gemidos. [...] A cidade se dividia em três ou quatro. Numa das faces, podia-se ver os reflexos dourados, na outra, a procura do rumo da vida e, numa terceira ainda, aqueles que já estavam caídos, estirados sobre as águas fedorentas dos esgotos, por

| | | | | | | |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|
| Caderno de resumos da JOPELIT | Catalão | UFG | v. 1 n. 1 | p. 07-12 | 2013 | ISSN 2318-9789 |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|

onde os ratos se adestravam em seus movimentos curtos e rápidos. Alguma coisa causava repulsa em Felipa e espanto em João Bertolino.(JORGE, 1997, p. 72)

Percebemos nessa passagem que o narrador demonstra a cidade como lugar desconfortante, sujo, triste, sofrido. Não obstante disso, ele a classifica em três camadas. A primeira a classe rica e o poder representado pela cor dourada, a cor do ouro. A segunda como o espaço daqueles que ainda esperam vencer na vida, a classe dos trabalhadores, dos estudantes. Por fim a camada da cidade que ele mais salienta, a camada da grande maioria. Seu espaço é caracterizado pela pobreza, miséria, sujeira, odor. Verificamos que o texto nos diz que a relação das personagens com esse espaço é negativo. A sua relação experiencial e vivencial nesse espaço é caracterizado pela repulsa e pelo espanto consecutivamente.

Conclusões

Encontramos nessa obra duas narrativas e, por conseguinte dois núcleos espaciais, cada qual com seus espaços diferentes dos espaços da outra narrativa, sendo que estes apresentam características opostas ao outro, formando à dialética espacial nesta obra em foco.

Em uma delas a de Adam/Adão temos uma espacialidade organizada cuidadosamente. Encontramos o espaço fechado, restrito com a claridade, a limpeza, o perfume. A casa com uma aparência de lar acolhedor e aconchegante. Todavia vimos que o protagonista não se sente bem nesse espaço, sua relação com ele é negativa, disfórica. No outro enredo, de Felipa, temos as características espaciais opostas às do núcleo de Adam. O espaço é aberto, amplo, vasto, porém suas características são a sujeira, a desordem, a miséria. Nele a relação experiencial das personagens coincide com a característica dos espaços. Para elas as vivências são negativas, maléficas.

| | | | | | | |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|
| Caderno de resumos da JOPELIT | Catalão | UFG | v. 1 n. 1 | p. 07-12 | 2013 | ISSN 2318-9789 |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|

As características de um enredo são opostas às características do outro, no entanto nas duas histórias prevalece a relação negativa entre personagem e espaço.

Referências

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura* introdução a Topoanálise. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

FRANK, Joseph. A forma espacial na literatura moderna. Trad. Fábio Fonseca de Melo. Revista USP, São Paulo, n. 58, p.225-241, jun-ago, 2003.

JORGE, Miguel. *Pão cozido debaixo da brasa*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2004.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.